

Cícero Portella

Universidade de Brasília

Estética dos apetites

Uma teoria estética contemporânea deve colocar em segundo plano as questões do prazer desinteressado e se aferrar ao apetite como elemento central da disciplina. Em primeiro lugar: a diferença entre fome e apetite, ou as sutilezas da fome e das vontades de comer – da inanição ao vício e à overdose. O manifesto de Glauber Rocha sobre a “eztetyka da fome” pode nos ajudar mas precisa ser atualizado em confronto com a ideia de expropriação de *potentia gaudendi* pela indústria farmaco-pornográfica, como coloca Paul Preciado na sua atualização de Espinosa, ou de cafetinagem da pulsão vital, para seguir a versão de Suely Rolnik. Em segundo lugar, o apetite como origem de toda produção pode ser retraçado à ideia de “mais-valia de vida” descrita por Brian Massumi a partir do “afeto de vitalidade” de Daniel Stern, isto é, o dispêndio de vitalidade que leva ao que o autor chama de “tendência supernormal”. Em terceiro lugar, como decorrência do percurso, podemos entender que a questão central da estética não é o belo ou a arte, mas as possibilidades do corpo. A Ética de Espinosa poderia muito bem ser chamada de Estética, por ser uma teoria dos apetites e da possibilidade de administrá-los. Por fim, podemos vislumbrar as técnicas corporais que seriam admitidas como parte da disciplina, como o tantrismo, descrito por Mircea Eliade e José Gil, ou a primatologia ciborgue de Donna Haraway.
